

MATTHEW QUIRK

A DIRETIVA

Tradução de
José Vieira de Lima

1

Quatro dias antes

Nunca apostes no jogo de outro homem. Esta é uma regra simples que o meu pai me ensinou. Por isso, que raio estava eu a fazer naquela ruela de Manhattan, tateando os mil e duzentos dólares que tinha no bolso, a caminho de um bando que jogava ao monte de três cartas e que tinha todo o aspeto de ter feito uma pausa na sua atividade normal – esfaquear pessoas – para passar um bom bocado a jogar?

Eu não fazia a mínima ideia, mas, se me desse ao trabalho de refletir, teria percebido que tinha a ver com as oito horas que passara a apreciar padrões de porcelana com a minha noiva Annie e a avó dela.

Bergdorf Goodman tem uma pequena loja – a que chamam «Suíte dos Noivos», onde um vendedor de fato completo e uma fiada de mulheres bem cuidadas e melhor aperaltadas nos exibem tantos artigos de luxo que, a certa altura, um jarro de mil e quinhentos dólares acaba por nos parecer razoável.

A avó, Vanessa, entrara em cena para o casamento, visto que a mãe de Annie morrera muitos anos antes. O nosso vendedor tinha um sotaque que parecia argentino e conduzia-nos ao longo de todas as combinações imagináveis de travessas, facas, garfos, pires, chévenas de chá e taças.

Annie não dava grande importância às coisas materiais – nunca fora obrigada a isso –, mas eu bem via como a avó a manipulava com o peso do apelido Clark e as expectativas da família.

As quatro horas deram lugar a cinco. Esta era a nossa segunda paragem do dia.

– Mike? – chamou Annie. Ela e a avó olharam-me fixamente. O vendedor e o seu harém franziam o sobrolho qual júri. Eu estava a milhas dali.

– Não ouviu o que lhe disse? – perguntou Vanessa. – Chávena de pé ou sem pé?

– Oh... Eu cá ficava-me por uma coisa simples – respondi.

Vanessa ofereceu-me um sorriso que o seu olhar não transparecia e respondeu-me:

– Não me admira. Não acha que esta é um pouco mais requintada, ou será que esta aqui é um pouco mais... elegante?

Annie olhou para mim. Eu faria tudo o que estivesse ao meu alcance para que ela se sentisse feliz, mas, depois de quatro dias em Nova Iorque em modo «turista-sobre-rodas», arrastado de loja em loja, qual delas a mais cara, já estava a ficar esgotado.

– Exatamente – disse eu.

Annie pôs um ar perturbado, Vanessa um ar furioso.

– Mas qual das duas prefere? – insistiu a avó. – Era uma pergunta.

Uns anos antes, o pai de Annie tinha soltado os seus pastores-alemães (que mandara operar de forma que o ladrar não fosse mais do que um murmúrio) para me matarem, mas, comparado com Vanessa, ele começava a parecer uma joia de criatura.

Annie olhou primeiro para a avó, depois para mim.

– Mike?

O argentino torcia a corrente do relógio. Vanessa retesou como um garrote um guardanapo de seiscentos fios. Eu tinha os olhos tão secos das horas infindáveis que passara a ver artigos para casa e do brilho ofuscante das luzes das lojas que quase sentia as pálpebras a arranharem-me quando as fechava.

Passar-me dos carros – podia varrer o tampo da mesa com o braço – era uma ideia que me atraía cada vez mais, mas não seria por certo o comportamento adequado.

Mantive-me calmo, dei um estalido com a língua e lancei:

– Desculpem. Não se importam que as deixe sós? É que acabo de

me lembrar de que tenho de passar pelo contabilista antes da hora do fecho.

Era uma mentira, mas resultou. Se havia coisa que a família Clark considerava sagrada era o dinheiro. Ele libertar-me-ia daquela prisão.

Desandei rapidamente em direção à porta. O argentino ainda me acenou para que eu voltasse – talvez tivessem alguma área de emergência com um bom rosbife e um canal de desporto para noivos exauridos –, mas eu precisava de ar puro e das ruas.

2

Tinha visto o monte de três cartas pelo canto do olho quando íamos para o Bergdorf. Os jogadores estavam numa rua secundária cheia de lixo, mais ou menos a meio caminho entre as montras revestidas a mármore da Quinta Avenida e o grande centro comercial americano em que a Times Square se tinha transformado.

Enquanto avançava pelos passeios apinhados de gente, reparei na ladroagem que fazia o seu trabalho por entre os turistas. Um carteirista importunava a multidão que se reunira em torno de um retratista chinês. Do outro lado da rua, uns quantos aspirantes a *rappers* desfilavam como uma corda no meio dos transeuntes, autografando um CD de dez dólares e recorrendo depois a ameaças muito pouco subtis para efetivarem a venda. Fez-me bem ver-me no meio de toda aquela barulheira, de toda aquela ladroagem, ao fim de tantas horas de boas maneiras forçadas e de ar condicionado.

Sem pensar no rumo a seguir, depressa dei por mim a meter-me pela ruela onde antes jogavam ao monte de três cartas. Surpreendeu-me que a jogatina continuasse, embora o grupo se tivesse mudado para o outro extremo da rua.

O tipo que distribuía as cartas era branco e magro. Usava um boné dos Yankees tão grande que lhe tapava os olhos, e o cós dos *jeans* dava-lhe pelo meio do rabo.

Em jeito de mesa, havia três grades de leite empilhadas verticalmente com um jornal em cima. As cartas e a ladainha voavam:

– Os dois perdem e o ás ganha a massa. Toca a procurar o mel, toca a procurar o mel.

Olhou-me de relance, mas fingiu não reparar em mim quando me aproximei. Erguendo um pouco o sobrolho, indicou ao resto do bando que a partida começara. Eram quatro os jogadores.

Aproximei-me um pouco mais, o que ele, com um sinal subtil, comunicou aos outros. Estes ajeitaram-se apenas o suficiente para que eu pudesse acompanhar o jogo. Jogaram quatro partidas enquanto eu ali estava: entre vencedores e derrotados as cartas dançavam, o dinheiro caía e voava nas mãos do *dealer*. Não que isso tivesse a menor importância. Eles pertenciam todos à mesma equipa, partilhavam o mesmo bolo, todos faziam parte do bando. Era assim que a vigarice do monte de três cartas funcionava.

E era por isso que arriscar um cêntimo que fosse naquele jogo era tão estúpido. Embora conhecesse os truques do bando, eu teria de os bater no próprio terreno, na falcatrua deles.

Devia ter parado um segundo para pensar que raio estava eu a fazer ali, depois devia ter voltado para o Bergdorf e para as colheres de sorvete de prata esterlina.

Porém, em vez disso, resolvi jogar. O *dealer* tratou logo de me manobrar:

– Ouve, ou jogas ou desandas. Se queres um filme, tens *O Rei Leão* mesmo ao virar da esquina. Aqui, é só para jogadores.

Ignorei-o, pus um ar algo assustado, algo duro, como a típica vítima exibindo uma máscara sofisticada. Santo Deus, que bem que eu desempenhava o papel. Tinha andado tão atarefado com o trabalho nessa semana que dissera a Annie para enfiar alguma roupa num saco de viagem. Vestia uma camisola com decote em V debaixo de um *blazer* azul, umas calças que pareciam ser de sarja, uns sapatos de lona – acho que ela queria dar-me um ar de membro de clube naval para o encontro com a avó. Enfim, eu parecia um alvo fácil. Ter-me-ia roubado a mim mesmo.

O grupo envolveu-me, fez-me chegar mais perto do jogo. «Fechar os portões» era o nome que se dava a esse movimento, a primeira fase da breve falcatrua. A vítima mordida o anzol. Havia só uma mulher a jogar e esta tinha acabado de ganhar por duas vezes. As apostas iam até aos quarenta dólares. Depois de o chefe dispor as cartas, um tipo punha a sua aposta em frente daquela que julgava ser o ás de espadas.

Um dos outros jogadores podia apostar o dobro noutra carta e o chefe dizia: «Só aceito a aposta mais alta.» Assim, o outro jogador tinha direito a jogar essa partida. Aí estava a chave da vigarice.

– Ele já não aceita as minhas apostas – sussurrou-me a mulher.
– Sou demasiado boa. Já topei como é que esta coisa funciona.

Tinha à volta de um metro e sessenta de altura, era loura e pálida, uma criatura urbana com um olhar feroz e um corpo que era difícil ignorar.

– Ajude-me – disse ela com um ar de especialista. Passou-me oitenta dólares em notas de vinte, já muito gastas, enquanto se colava a mim. – Aposte na carta da esquerda.

Um puto muito branco e que respirava pela boca apostou quarenta na carta do meio. Peguei no dinheiro dela e pu-lo em frente da carta da esquerda.

– Oitenta – disse eu. – O chefe do bando olhou para a aposta com um ar aparentemente chateado. Depois, mostrou a carta da esquerda. Era o ás de espadas. Deu-me cento e sessenta dólares.

A vigarice do monte de três cartas tem os seus papéis clássicos. A querida à minha esquerda era o «incentivador» e a sua missão consistia em dar-me um gostinho da ação sem correr riscos, em levar-me a acreditar que o chefe podia ser derrotado, em convencer-me a apostar o meu próprio dinheiro. Empurrei a quantia que acabara de ganhar na direção dela. Esta ainda fez menção de pegar nele, mas o chefe agarrou-lhe no pulso.

– Mas que porra é esta? – perguntou. – Aqui o homem é que ganhou. Sorte de principiante.

– O dinheiro é dela – respondi. – Eu apostei por ela.

O tipo virou-se para mim.

– Ouve lá, ó finório, aqui não há lugar para essas tretas de Wall Street. Queres jogar? Dinheiro na mesa. Ou gastaste tudo no teu fatinho de marujo?

Ofender a vítima. Normalmente, essa era a última manobra para que mordesse o isco. Insultavam-me e eu ficava furioso e desejoso de vingança – pronto para ser roubado.

– O ás tem o canto dobrado – segredou-me a mulher. Já estava agarrada a mim, como uma beldade de um filme de James Bond,

decidida a aumentar a minha confiança. O canto estava dobrado para dentro, mas um *dealer* com experiência e perícia é capaz de fazer desaparecer ou aparecer dobras com a maior facilidade. A indicação da beldade era mais uma maneira de me atrair para o jogo, de me convencer de que eu não perderia. Tirei a carteira do bolso e peguei numa nota de vinte.

Observei o chefe a distribuir as cartas, a pegar em duas ao mesmo tempo, a atirar uma para cima da mesa. Toda a gente pensa que é a carta de baixo, mas, na realidade, é a de cima que ele atira com um movimento muito particular, em jeito de ilusionista. O tipo não era muito bom, mas esta é uma técnica convincente, mesmo quando mal-feita.

Cartas finalmente na mesa. O ás era óbvio – lá estava o canto dobrado. Apostei os meus vinte dólares. Então, o rapaz que respirava pela boca fez o seu papel. Ele era um «isco». Se eu conseguisse acertar no ás, ele teria imediatamente de duplicar a aposta para que eu não pudesse ganhar. Se eu apostasse na carta errada, ele deixaria passar e o chefe ficaria com o meu dinheiro. É um jogo que não dá a mínima hipótese.

E assim aconteceu. A aposta do isco, como era mais alta do que a minha, funcionou. Ele perdeu, e o chefe virou o ás em que eu tinha apostado.

– Está a ver, se tivesse apostado mais, tinha ganho – segredou-me a rapariga.

Tirei mais umas quantas notas da carteira. Os olhos do chefe brilharam. Por essa altura, já tínhamos um grupo razoável a observar-nos. À minha direita, estavam uns quantos tipos bem-vestidos e bem constituídos que, pensei, se encontravam na cidade para alguma reunião da associação universitária negra. À minha esquerda, havia uma velha chinesa com um grande saco de plástico, daqueles a imitar vime, cheio de compras.

A mulher arriscou dez dólares – corretamente – na carta do meio. É possível que o isco, que parecia um bocado lerdo, não tivesse percebido o que se estava a passar porque se esqueceu de dobrar a aposta e assim a chinesa iria ganhar.

Mas nada disso importava. O chefe fez deslizar a carta da direita

– que eu seguira e sabia que era um dois – sob o ás vencedor, de tal forma que, quando esta aterrou, o ás vencedor se transformou num dois perdedor. O chefe tinha-os trocado no exato momento de virar as cartas. Por estas e por outras é que um tipo de fora, mesmo que tivesse todo o dinheiro do mundo para apostar mais do que o isco, jamais conseguiria vencer.

Eu sabia tudo o que precisava para bater aqueles tipos. Tirei o dinheiro que tinha no bolso, cerca de novecentos dólares, menos o que gastara naquele dia, e escondi-o na palma da mão. Tenho tendência a andar com muito dinheiro: velhos hábitos.

– O ás ganha, os dois perdem. Toca a procurar o mel, o mel está nos favos, o mel e o dinheiro.

O chefe do bando atirou as cartas para a mesa improvisada e continuou com a ladainha. A dobra desapareceu enquanto ele baralhava. Já não precisava de cantos dobrados, agora que eu tirara o dinheiro da carteira e que a minha confiança na Pussy Galore¹ era absoluta. Não perdi o ás de vista. Cartas na mesa.

– Na da esquerda – segredou-me a mulher, agarrada a mim, tentando enganar-me. Pus uma nota de dez na carta do meio: o ás. Não me deixariam ganhar, de modo que o isco apostou vinte na carta da direita. Tudo dentro das regras. Resolvi apostar quarenta no meu ás. E, a partir daí, foi um ver-se-te-avias: oitenta, cento e sessenta, trezentos e vinte...

– Seiscentos e quarenta – disse eu, e pus a quantia em frente do ás. O que uma aposta tão alta tem de bom é que, quando pomos o dinheiro na mesa, o volume de notas é tal que até dá para cobrir as cartas por uma fração de segundo.

O isco olhou para mim, aparvalhado, e depois para o seu monte de notas – restar-lhe-iam talvez seis notas de vinte. Não podia duplicar a minha aposta. Lambeu os lábios e virou-se para o chefe a pedir ajuda.

Eu tinha estado a observá-los no que tocava também ao dinheiro. Sabia que eles não tinham massa suficiente para cobrir a minha aposta. O chefe não parecia nada perturbado.

¹ Personagem da série James Bond que chefia uma rede do crime organizado. (*N. do T.*)

– Aqui o homem de Wall Street é mesmo ganancioso. E a ganância é uma coisa boa! Seiscentos e quarenta dólares é a aposta. – Bastava-lhe trocar o ás do meio, que eu tinha escolhido corretamente, por um dos dois, e toda a maçaroca iria parar ao bolso dele. Deveria ter fingido que ficara um pouco preocupado, mas não, o tipo exibia um sorriso radiante. Quanto a mim, estava a pensar noutras coisas. Não me apetecia nada explicar a Vanessa e a Annie que iríamos comer *fast-food* porque eu tinha sido endrominado num monte de três cartas.

Segui os gestos do chefe: ergueu o dois da direita e usou-o (sempre com movimentos rápidos, claro) para virar o ás em que eu apostara o meu dinheiro. É óbvio que, nesse processo, trocou as cartas e, quando as pousou na mesa, tinha a certeza de que a minha carta iria perder.

– Os dois perdem – começou ele, triunfante. Porém, nesse preciso momento, deu-se ao trabalho de olhar para as cartas e viu o ás de espadas a fitá-lo ao pé dos meus seiscentos e quarenta dólares. Ficou de olhos esbugalhados.

Os espectadores que não pertenciam ao bando deram vivas de alegria. Um tipo até me agarrou pelos ombros.

Havia anos que eu não me metia em esquemas daqueles. Ainda assim, não tive grande dificuldade – especialmente com um *dealer* tão desleixado – em trocar as cartas com o dedo mindinho e anelar no preciso instante em que pus o dinheiro na mesa. Sabia qual o seu próximo passo, pelo que, quando ele as trocou, acabou por me dar a carta vencedora.

Era uma vitória justa e honesta. E desonesta.

– A polícia! – gritou o isco.

Era de esperar. Quando o jogo dá para o torto ou o bando já sacou dinheiro suficiente à vítima, o isco – que também funciona como «vigia» – grita «Polícia!» e é a debandada geral. O último recurso dos vigaristas. Mesmo que ganhe, a vítima perde. Os membros do bando dispararam em todas as direções. Com um rápido movimento de mão, o chefe do bando meteu ao bolso o dinheiro e as cartas, e tentou disparar para longe, tal como os outros. Os meus novos amigos da associação universitária pareciam dispostos a emprestar algum músculo ao princípio do *fair play* e bloquearam-no à direita e à esquerda.

Em consequência disso, o tipo seguiu em frente – onde eu estava – e tirou-me do caminho com um gancho direito nos rins, ao mesmo tempo que as grades de leite desabavam.

Os outros tipos gritaram-lhe algumas ameaças particularmente inventivas. Eu limitei-me a observar a fuga.

– Vai deixar aquele bandido roubá-lo assim? – gritou um dos espectadores. – Você ganhou limpinho! Eu cá ia atrás dele e não o largava enquanto não me devolvesse o dinheiro!

– Nunca se deve apostar no jogo de outro homem – respondi e, encolhendo os ombros, desandei. Ao sair da ruela, dei-me conta de que estava a sorrir. Havia muito tempo que não me divertia tanto. Depois de ter sobrevivido ao confronto com aqueles vigaristas novaiorquinos, de certeza que o outro combate que me esperava – com a minha noiva (cinquenta quilos, não mais), a avó dela e uma chávina de pé – seria canja.

O episódio durara vinte minutos. Depressa estava de volta ao Bergdorf, plantado entre Annie e Vanessa. A dor sob as costelas abrandara – a área latejava um pouco, nada mais. Arturo demonstrava os méritos dos diferentes garfos de peixe.

– Mike – disse Annie, oferecendo-me um olhar doce. – Está tudo bem contigo? Já estás farto destes preparativos para o casamento?

No meu colo, sem que os outros vissem, examinei aquilo que eu surripiara ao chefe do bando quando este, com um murro, me afastara do caminho. Com umas calças tão largas, meter-lhe a mão ao bolso foi fácil.

Ele fugira de mãos a abanar. E eu desandara com os meus seiscentos e quarenta dólares, mais cerca de oitocentos – justa indemnização pelo que passara –, e uma faca como eu nunca tinha visto. Era uma faca delgada com um cabo de pau-rosa – os veios da madeira davam-lhe um aspeto lindíssimo –, e o espaço entre a lâmina e o cabo era de bronze. Devia ser espanhola, ou italiana, e ter aproximadamente oitenta anos. Não era uma faca de ponta e mola, mas abria com tal rapidez e facilidade que vinha dar no mesmo. Apostava que o puto a surripiara a alguém. Era um dos artigos de aspeto mais letal que jamais me passara pelas mãos. Fechei-a cuidadosamente e, depois, escondi-a no bolso, juntamente com o dinheiro.

Com a mão nas notas que tinha no bolso, sorri.

– Farto? Nem pensar! Há muito que não me divertia tanto – respondi, e logo me virei para a avó de Annie. – Tem razão quanto à molheira, Vanessa. Só pode ser *Limoges*. Ah, Arturo – disse, esfregando as mãos –, não se importa que eu veja outra vez aqueles catálogos da *Haviland*?

E foi precisamente nesse momento, ladeado por Annie e pela avó na Suíte dos Noivos, afagando aquela faca de quinze centímetros e o imundo maço de notas de vinte rapinado a um vigarista de rua, que me apercebi de que talvez houvesse qualquer coisa que não estava bem comigo – nem com o sonho de uma vida calma e respeitável que há tantos anos perseguia.